

X Concurso Nacional de Dramaturgia/1978

Prêmio Especial de Comédia

TRANSAMINASES

Carlos Vereza



Personagens: OLHOS DE LINCE
DR. EÇA
GORDINHO
IVETE (Voz e Imagem)



Luz entrando em resistência, mostra um homem deitado, cheio daqueles fios de electrocardiograma. Em volta dele dois homens de terno, manipulam os fios. Entre eles, acima, uma tela mais ou menos do tamanho das que são utilizadas para filmes em 16mm, que vai passando os sinais do electro. Se possível à cores. Meio penumbra, não dá para se perceber o local. Só este quadro. Na tela entra, em contagem regressiva, números de 10(dez) à 0(zero). Quando entra o 0 (zero), luz aumenta em resistência, e revela uma sala indefinida, com duas cadeiras giratórias e uma geladeira grande, daquelas antigas, tipo GE. O homem, Gordinho, está deitado numa prateleira-cama, que sai como um módulo, do meio da geladeira, que está aberta. O homem de jaquetão branco, Dr. Eça, pega na porta da geladeira, que está cheia de frutas, garrafas, etc., um copo, Gordinho levanta meio corpo, enquanto Olhos de Lince, que veste um terno riscado, tira os fios do seu corpo. Em seguida pega o copo das mãos de Eça, e dá para o Gordinho.

OLHOS — Vai, Gordinho, toma teu suco. Vai... Acaba de tomar teu suco.

DR. EÇA — É bom, suco é bom.

OLHOS — Melhor que ficar aí seco e pegar uma anemia.

(Gordinho, já sem os fios, ainda sentado na prateleira-cama. Usa uma cueca, daquelas antigas)

GORDINHO — (Meio aliviado) É sim, é sim... Inclusive o meu glicose baixou muito. O médico disse que era pra tomar guaraná, açúcar, karo, coisa bem doce, que é pra equilibrar. (Pausa. Toma o suco e pára timidamente) Posso tirar o gelo?

OLHOS — Não. Tá calor. Toma com gelo.

DR. EÇA — Que é que há, Olhos, ele quer sem gelo, deixa sem gelo. (Eça vai guardando os fios dentro da geladeira)

GORDINHO — Obrigado. (Tira o gelo com a mão, procura onde botar. Não encontra. Fica com ele na mão) Obrigado. É que eu acabo de sair de uma bronco-pneumonia... e o médico disse que... (Dá uma risadinha)... quer dizer, minto... (Pausa. Fica trocando o gelo de mão e o copo também) Eu... (Olhos e Eça se olham)

GORDINHO — É... foi isso... (Fica um clima. Gordinho acaba botando o gelo na boca. Não agüenta. Tira e bota dentro da porta da geladeira. Oferece o copo para o Dr.) Um golezinho?

DR. EÇA — (Seco) Não, obrigado. Não bebo nada antes das refeições. (Pausa)

GORDINHO — Desculpa. (Pausa)

(Olhos tira o copo da mão de Gordinho, guarda na porta da geladeira. Gordinho fica com cara de quem quer mais. Olhos, em seguida, apóia a cabeça na porta da geladeira, desalentado. Dr. Eça dá a volta na geladeira, e fica mexendo lá atrás. Se ouve um barulho de caixa registradora, ao mesmo tempo



que por um orifício acima da cabeça do Gordinho, começa a sair uma longa tira de papel. Eça reaparece, e pega a tira).

EÇA — (Mostrando para Gordinho) Você reconhece isto aqui? (Gordinho enfia as mãos na cabeça e começa a choramingar) Olha aqui: glicose 90, seu putô! (Para Olhos) Desculpa Olhos. (Para o Gordinho) 90. Glicose de criança. Como é que baixou, como é? (Pausa) Desce! (Gordinho desce da prateleira-cama, fica de pé. Eça pega uma cadeira giratória, traz para o meio da sala e indica para o Gordinho sentar. Gordinho hesita) Senta!

(Gordinho senta. Eça vira a cadeira de modo que Gordinho fique de costas para a geladeira. Recolhe a prateleira-cama, que se encaixa na geladeira. Em seguida traz o Gordinho com cadeira e tudo, sempre de costas para a geladeira, mais para perto. Mexe um botão, a tela fica com uma luz fortíssima. Eça vira Gordinho de frente para a luz. Gordinho tenta cobrir o rosto com as mãos. Eça não deixa. Fica um tempo. Olhos desliga a luz. Pega o papel do exame.)

OLHOS — Desconsideração. Baixo nível. (Mostra os papéis para Gordinho) Glicose baixa não é "seu"... Desconsideração... Agora olha a minha cara, olha a cara do Dr. (Para o Eça) Pega o suco. Espera. Taca açúcar. E gelo. Enche de gelo.

GORDINHO — Não, açúcar não!

OLHOS — Açúcar. Taca açúcar.

GORDINHO — Foi sem querer. (Eça some atrás da geladeira com alguns recipientes. Ouve-se um barulho de colher batendo no copo)

OLHOS — E muito gelo! (Eça reaparece com um copo e dá para Gordinho) Bebe.

GORDINHO — Olha...

OLHOS — Bebe. (Gordinho bebe com grande dificuldade. Olhos examina a tira do exame) Sim senhor. Glicose 90. Não tem mais sopro sistólico, pressão 12 por 8. Cara normal, perfeitamente normal.

DR. EÇA — Essa da glicose foi demais.

GORDINHO — Foi sem querer. Me distrai.

OLHOS — Distraiu não. Mentiu! E quem mente que a glicose é baixa, não dá mais para acreditar. Mente de tudo. Mente até pra mãe! (Pausa) Eça faz uma gemada para ele.

(Eça volta para trás da geladeira com copos e apetrechos. Ouve-se o som agora de uma bateadeira)

GORDINHO — (Tentando-se fazer ouvir) Sabe o que é?

OLHOS — Cala a boca.

GORDINHO — Não... É que eu peso 98 quilos, e... (Eça aparece com a cabeça)

DR. EÇA — Nove! 99. Tá aqui na ficha.

GORDINHO — (Mais alto) Eu gosto de tudo com pouco açúcar.

OLHOS — Cala a boca. (Para o barulho da bateadeira) O senhor mentiu... (Mostra os papéis) Tá aqui. Normal...normal. Olha aqui: glicose 90, transaminases 24, colesterol 174. Tá aqui. Ninguém me deixa mentir. Perfeitamente normal.

(Eça retorna. Dá o copo para Gordinho. Ele pega)



DR. EÇA — Essa de mentir da glicose foi ruim. Muito ruim.

OLHOS — Bebe.

GORDINHO — Tá doce.

OLHOS — Bebe.

(Gordinho bebe com grande esforço. Olhos vira uma prateleira na parte de baixo da geladeira, e aparece um painel cheio de fios e botões. Olhos aperta um botão, entra um ruído de gravação. Em seguida, ouve-se a voz de Gordinho.)

VOZ DE GORDINHO — "...não...eu sei que já aprontei...fiz coisa que não devia...o senhor também já foi criança, e..."

VOZ DE OLHOS — "Criança?"

VOZ DE GORDINHO — "...é criança não...jovem...o senhor já foi jovem...mas o senhor entende...a gente muda..."

(Ouve-se vozes de Eça e Olhos, mas não dá para entender)

VOZ DE GORDINHO — "...eu entendo...os senhores tem seus deveres, suas obrigações...mas eu só queria que os senhores tomassem um pouco de cuidado..."

VOZ DE EÇA — "Cuidado?"

VOZ DE GORDINHO — "É...quer dizer...dentro do possível...eu desde criança...sabe, eu sou gordo assim...mas desde criança, eu tenho problema cardíaco, inclusive tá aqui...quer dizer...tava aqui, na minha roupa... "se os senhores duvidam, podem ir lá, na minha roupa...eu tenho na minha bolsa, uma porrada...quer dizer, desculpe, uma porção...uma porção não, uma série...isso, uma série de exames provando tudo isto. (Pausa) Aliás, minto... quer dizer minto não, como é que eu ia imaginar tudo isto? Eu...eu..."

VOZ DE EÇA — "Escuta, você pensa o quê?"

VOZ DE GORDINHO — "Amigo, o senhor..."

VOZ DE EÇA — "Amigo é o cú da mãe."

VOZ DE OLHOS — "Pera aí Eça, olha o nível. Também não é assim. Você sabe que eu não gosto de palavrões."

(Pausa. Gordinho choraminga. Olhos desliga o botão.)

DR. EÇA — Desculpa Olhos, mas esse cara me deixa assim. Olha minha mão...eu fico fora de mim. Olha só. (Mostra as mãos, tremendo)

OLHOS — Calma Eça, calma. (Para o Gordinho) Está vendo, o senhor mentiu.

GORDINHO — Essa voz era minha? Primeira vez que eu escuto. Fica mais grossa.

(Eça torce a orelha de Gordinho)

OLHOS — Para Eça. Dá uma volta lá fora. Respira. Olha! (Faz sinais com a cabeça) Passa um lenço de avião no rosto que refresca. (Continua fazendo sinais com a cabeça)

DR. EÇA — (Fica mais calmo) Eu vou sim. Olha minha mão. Olha só! (Mexe num outro botão do painel e a porta da sala abre. Ele sai. Pausa)

OLHOS — Viu? Problemas cardíacos...você viu o que você fez com Eça?

GORDINHO — Desculpa.

OLHOS — Viu a merda, digo, a droga? Eu te avisei, não te avisei?

GORDINHO — Desculpa.



OLHOS — Te falei, o nível de tratamento aqui ia ser de acordo com o que você falar. De certo ou de errado. Pra sim ou pra não.

GORDINHO — Desculpa doutor.

OLHOS — Eu não sou doutor. O Eça é que é. (Pausa) Uma besteirinha e você já começa a atrapalhar tudo pro teu lado. (Liga o botão. Voz de Gordinho gravada)

VOZ DE GORDINHO — "...não...é sim. Eu tenho, aliás eu não sei onde eu guardei os exames...Eu não posso ter emoções fortes, quer dizer, muito fortes não..."Eu tenho sopro cístico, fraquezas, tonteiras, pontada no peito. (Ri) Vivo fazendo electro. O senhor precisa ver só...parece até máquina de costura...meu coração está igual montanha russa...Eu..." (Olhos desliga)

OLHOS — Essa voz é sua?

GORDINHO — (Depois de uma pausa) É.

OLHOS — Isso é que me machuca. Baixo nível. Falta de consideração. Mas já tá melhorando. Reconheceu a voz. (Vai até a um dos lados da geladeira, onde está pendurado um roupão estampado. Apanha e entrega para o Gordinho) Te falei, você que determina o tratamento. Veste. Pode vestir. (Gordinho veste. Volta a sentar) Você entrou aqui, fui claro: não mente. Fala sim ou não. Ou branco ou preto. Mas uma coisa ou outra. Falei ou não falei? (Pausa. Gordinho faz que sim com a cabeça.) Não te dei água gelada? Gelada? (Gordinho faz que sim com a cabeça) Não te chamei de meu filho? (Gordinho faz que sim com a cabeça) Precisava dessas mentirinhas? (Pausa. Aponta a geladeira) Esse complexo, você pensa o quê? Delicadíssimo. Todo nacional. Desde o teu nascimento. Tá tudo aqui. Dia, mês, hora, tudo. Tudo aqui. Agora vem você e me comove, abusa do meu bom coração, faz mau juízo de mim, do Eça, que tem tremores. Ele sim tem tremores. Baixo nível. (Pausa) Toma o resto da gemada. (Gordinho toma) Vem você e diz que é doente, sofre do coração, colesterol, bronco não sei o quê, transaminases, pressão baixa, mão suada. Atrasou os trabalhos, me obrigou a te fazer um electro. Rã...Rã...Rã... Essa você não esperava. O complexo. Tudo que você imaginar. Tá aqui. Todo nacional. Rã...Rã...Rã...

GORDINHO — (Timidamente) O doutor permite?

OLHOS — Doutor é o Eça, já falei

GORDINHO — Certo. O senhor me permite?

OLHOS — Fala.

GORDINHO — Não...O senhor se coloca do meu lado?

OLHOS — Do seu o quê?

GORDINHO — Só pra argumentar, entende?

OLHOS — (Pausa) Eu argumento. Pra argumentar, eu argumento. Fala.

GORDINHO — (Respira) Quando os senhores me pegaram, foi meio de surpresa, eu não esperava... porque só se foi agora... mas eu já tive problema cardíaco, gordura, sei lá. Ficava tonto, caía na rua. Ai eu dei um tempo pra andar com os exames na bolsa. (Pausa) Um dia, o senhor sabe como é que é isso, a gente é humano, eu tomei um porre, quer dizer, desculpa, porre não, eu exagerei na bebida, e quando acordei, eu tava de quatro numa praça, levaram meu relógio de pulso, eu tinha um cordão de São Jorge, só isso. O senhor vê, eu acredito em Deus, quer dizer...Deus, Deus, não é bem isso, mas São Jorge



sim. E os exames tava tudo na bolsa, levaram também. Só o meu São Jorge eu já tinha uns cinco anos...Eu... (Vai parando)

OLHOS — Mentiu outra vez. (Vai na geladeira e volta com um São Jorge) Tá aqui. Tá vendo? Tava na casa de sua mãe. (Volta e guarda na geladeira. Pega uma cadeira e senta de frente para o Gordinho) Olha, rapaz: quando você chegou aqui, com essa história de coração, passar mal, etc., nessa mesma hora, já tinha toda uma equipe, acionada por esse complexo, todo nacional, catando em todos os lugares, tudo de você. (Levanta com orgulho) Know-How! Digo, competência, competência. Sabe o que é isso? Tudo gravado, filmado, fotografado, catalogado. Q.I., meu filho! Equipe com um puta Q.I.! (Pausa. Se recompõe) Fico nervoso. Você me deixa nervoso e sai palavrão. Desculpa.

GORDINHO — De nada.

OLHOS — Bebe o resto da gemada. (Gordinho bebe) Ai a gente só pra te sentir, deixou ver até onde você ia com essa cara de anjinho, suando nas mãos. E você crente que estava passando um bando de babacas, digo, de idiotas pra trás. Rá...Rá...Rá... (Liga o botão do rádio. Voz de Gordinho num outro local. Ambiente de bar. Meio bêbado)

VOZ DE GORDINHO — "...Abaixo essa merda! (Barulho de copos) Abaixo!" (Ouve-se uma voz, talvez do garçon)

VOZ DO GARÇON — "...Pereira, olha a bandeira."

VOZ DO GORDINHO — "Caguei, caguei pra bandeira. Abaixo ou pra cima. Ou Vasco ou Flamengo. Assim é que eu não agüento mais."

(Vozes de psiu, psiu, psiu. Geladeira começa a chiar. Olhos aperta o botão, o chio não pára. Ele dá um tapa, ela pára)

OLHOS — Essa conservação...essa conservação...

GORDINHO — Me dá meu suco. O outro. O sem açúcar e sem gelo. Me dá?

OLHOS — Depois, depois. (Entra um som de bip. Olhos se abaixa, pega um fone e fica esperando. Entra voz de Eça)

VOZ DE EÇA — "Hello boss, here speak doctor Eças. Hello. Cambio. Dr. Eça falando chefe. Repito. Dr. Eça falando."

OLHOS — Tá bom Eça. Não traduz, pode falar. (Ouve) All right. All right. I'm not going to say anything to him about it. You get downthere. Turning off.

VOZ DE EÇA — "I dont understand, boss. Traduzindo: Não entendi chefe."

OLHOS — (Em português) Claro, com esse teu cursinho de correspondência, é claro. Escuta Eça, eu disse: "Certo, certo; Eu não vou falar nada com ele a respeito. Vá para o local. Certo. Desligo." Foi isso que eu falei. E certo, quer dizer: sure, sure. Entendeu?

VOZ DE EÇA — "Sure boss. Certo chefe." (Olhos desliga. Pausa)

GORDINHO — O seu acento é mais pra inglês.

OLHOS — Cultura. Fiz na Cultura. (Pausa) E o Eça. Saiu num trabalho aí. Eu gosto muito dele, mas ele me irrita com essa mania de querer falar só em americano. Eu respondo pra agradar, não me custa nada. Mas acho frescura dele, digo, afirmação. Pura afirmação. (Pausa) Vamos continuar.

(Pega um fio com uma caixa de controle remoto e senta perto do Gordinho. Mexe na caixinha, sai a luz geral e fica só a tela da geladeira iluminada. Olhos começa a mexer no controle. Aparecem várias fotos do Gordinho —: bebê, rapazinho, pegando um ônibus, sentado no vaso lendo revista em quadrinhos,



com sua mãe, fantasiado de baiana, vestido de garçom, bebendo num bar, etc.)

OLHOS — Rã, rã, rã. (Volta para foto de baiana) Ai hein? Rã, rã, rã.

GORDINHO — Bloco de sujo.

OLHOS — Vã lá...vã lá...Bloco de sujo, hein? Rã, rã, rã.

(Continua a projeção. Aparece outra foto dele, olhando desconfiado. Outra, pixando um muro, mas não dá para se ler o quê. De repente as fotos começam a embaralhar e retorna o chiado. Olhos fica apertando a caixinha. As fotos continuam emperradas. O chio aumenta. Olhos vai até a geladeira, aperta um botão, nada. Dá um tapa. Outro. Nada. Hesita um pouco, dá um chute. Entra Voz de Dr. Eça)

VOZ DE EÇA — "Hello boss, hello. Eça's speak. Traduzindo: Alô chefe Eça falando."

OLHOS — (Pelo microfone) Eu sei imbecil. Fala. Não traduz. Já disse.

VOZ DE EÇA — "Ok boss, digo, certo chefe...Oh, desculpa."

OLHOS — Se coloca Eça, se coloca.

VOZ DE EÇA — "Lá vai: Athos Pereira. Trinta e cinco anos. Noventa e nove quilos. Já foi mecânico, garçom, corretor, "...figurante de comercial. Fez campanha pro Getúlio. Sumiu uns tempos. Apareceu freqüentando lugares pouco recomendáveis. Anda sempre na companhia de rapazes de barba. Atenção: entre cinco, três usam barba. Barba é demais. Anda sozinho e fala sozinho. Atualmente desempregado. Quase sempre é visto rindo à toa. Deu em cima da filha do porteiro. Tô falando diretamente do local. Local interditado. Eça's speak: Eça falando. Vou subir pro quarto dele. Seja o que Deus quiser. Cambio. So long boss. Traduzindo: até logo chefe."

(Olhos, irritado desliga)

OLHOS — Filha de porteiro, hein? (Pausa) Filha de porteiro é nordestina. Problema de terra, usucapião... Reforma agrária. Fazendo a cabeça da moça, hein?

GORDINHO — Dorinha, gente fina.

OLHOS — Iludindo, cidade grande, poluição...Fazendo a cabeça da coitadinha. Vira líder camponesa... Vai querer plantar no aterro. Já tô vendo: a terra é de quem trabalha. Blá, blá, blá. Hein? Hein? Vivo disso...já conheço. Vivo disso.

GORDINHO — Pera aí chefe, Dorinha é uma tesão...digo, uma...uma paixão de menina. Eu só falei umas duas vezes com ela...eu...

OLHOS — O Eça é fogo. Já tá com tua ficha toda na mão. Abre logo...abre logo...O Eça é fogo.

GORDINHO — Eu nem peguei na mão dela.

OLHOS — Isso eu acredito. Fantasiado de baiana...Bloco de sujo...Rã, rã, rã.

GORDINHO — Assim não. Assim não. (Geladeira faz bip, bip, bip)

OLHOS — (Ligando o botão) Bloco de sujo, hein? Rã, rã, rã.

(A tela ilumina-se e entra uma contagem regressiva de 10 (dez) a 0 (zero). Aparece imagem de Eça. Câmera indecisa, na mão, revela um corredor tipo pensão pobre, com uma porção de gente saindo dos quartos, curiosos. Eça com o microfone na mão, se esforça para aparecer no meio do pessoal. Tem



uma senhora gorda, de roupão, grudada nele. Olha insistentemente para a câmera.)

EÇA — "Assim não dá. Ninguém pode ver uma câmera. Minha senhora, chega pra lá."

SENHORA — "Que canal que é, hein?"

GORDINHO — É Dona Elvira, mãe da Dorinha.

OLHOS — Cala a boca! (Eça tentando-se desvencilhar da senhora)

EÇA — "Chega pra lá, minha senhora. Chega pra lá." (Sente a câmera) "Hello, boss! Um esforço incrível! Câmera vem comigo. Fecha em mim. Fecha em mim. (Câmera vai com Eça, até que ele pára em frente a uma porta) Hello boss, essa aqui é a porta do quarto dele. Hello! Olha o foco, Aristides. Olha o foco. Atenção boss: vou entrar!" (Tira o revólver, prepara-se para dar um pontapé na porta. A senhora entra em quadro)

SENHORA — "Ei meu filho! Isso aqui não é casa da mãe Joana não! Que é que há?"

EÇA — "Minha senhora, estou em missão. A senhora está atrapalhando, chega pra lá."

(Eça afasta a senhora e arremete o ombro contra a porta, que estava apenas encostada, fazendo com que Eça, com o impulso, perca o equilíbrio e caia dentro de um minúsculo aposento. Câmera vai atrás e perde Eça de quadro. Ele em off grita:)

EÇA — "Aqui Aristides, corrige e vem em mim. Olha o foco! (Câmera enquadra Eça completamente sem jeito, que vai se levantando como pode) Hello boss, hello. Tô falando diretamente do quarto dele. A porta tem olho mágico. Olho MÁGICO. Vai Aristides. (Câmera vai com Eça e mostra o olho mágico. Ele anda pelo quarto, câmera atrás) Só tem um sofá, e uma estante sem livros. Look boss, olhe chefe. (Frisando) SEM LIVROS. Vai sentindo: cozinha com fogão de duas bocas, armário só tem sopa de pacotinho, vai sentindo....cortina de fumaça. Gênero proletário. Vai sentindo. Hello. Hello..."

OLHOS — Eu tô ouvindo Eça. Não complica. Fala. Fala...

EÇA — "Atenção boss, digo, chefe. Tem uma frase pixada na parede! Atenção boss, transmissão direta do quarto do suspeito. Local interdito. Um esforço incrível, diretamente da área conflagrada. Tem uma frase pixada na parede. Hello! Hello!"

OLHOS — Eça isso não é jogo de futebol. Que frase? Que frase?

GORDINHO — Diz a ele pra fechar a porta quando sair.

OLHOS — Cala a boca. Fala Eça. Fala a frase!

EÇA — "Seguinte chefe: aqui na sala, diretamente do local, às 19h30min, sexta-feira, não medindo sacrifício, tempo nublado..."

OLHOS — Vai Eça. Fala, fala!

EÇA — "One moment boss, um momento. Também não é assim. Take rise, calma."

OLHOS — Fala desgraçado!

EÇA — "Lá vai. (Pausa) Tô pixado na parede o seguinte:" (Pausa de suspense. Aponta com a mão, câmera acompanha movimento em panorâmica,



mostrando alguma coisa escrita na parede, mas completamente fora de foco. Fica um tempo assim)

OLHOS — Que é que é isso imbecil?

EÇA — (Em off) "Olha o foco desgraçado." (Câmera foca enquanto vai surgindo lentamente a frase pixada: EVIL MAN... EVIL)

OLHOS — O quê?

EÇA — "EVIL MAN...EVIL."

OLHOS — O quê?

EÇA — "Tá vendo? É por isso que eu traduzo. EVIL MAN...EVIL. O que em tradução literal significa mais ou menos, MERDA, HOMEM... ISSO AQUI ESTÁ UMA MERDA!"

OLHOS — Eu sei Eça. Não traduz, já te pedi. Documenta e traz. (Desliga) Imbecil o Eça. Faz questão de traduzir. Quer se afirmar. Pura afirmação. (Pausa) O que é que o senhor quis dizer com isso?

GORDINHO — Da Dorinha? Boa menina. Bom coração. É ela que faz a faxina lá do quarto. Três vezes por semana.

OLHOS — A frase. Fala da frase.

GORDINHO — Que frase? Eu não falei nada com ela. É só — bom dia, tudo bem? Vestido novo, hein? Eu...

OLHOS — Tira o roupão.

GORDINHO — Tá frio.

OLHOS — Tira o roupão.

(Gordinho obedece. Olhos pega e pendura ao lado da geladeira)

OLHOS — EVIL MAN...EVIL. (Pausa) O que é que o senhor quis dizer com isso.

GORDINHO — Ah, é isso? (Ri) Gosto muito de jazz. O Parker é que disse isso. (Pausa) Já no fim...ele tava no fim...aí ele disse isso...(Pausa) Gosto muito de jazz...

OLHOS — E aí?

GORDINHO — E aí...aí...aí é isso.

(Olhos leva o Gordinho com cadeira e tudo para perto da geladeira, e acende luz azul. Gordinho começa a tremer de frio)

GORDINHO — Ai...ai...ai...

OLHOS — Vou gelar mais, viu? Vou gelar, seu merda, digo, seu estúpido.

GORDINHO — Mas eu gosto de jazz. O Parker é que disse isso. (Olhos desliga a luz)

OLHOS — Por partes. Vamos por partes. (Tira uma banana da geladeira, descasca e começa a comer) Quero tudo: nome, endereço, altura, sinais característicos, tudo. Quero tudo. (Pausa. Gordinho ainda treme) Vai, fala, Parker de quê?

GORDINHO — Que Parker?

OLHOS — Esse aí, que você falou com ele.

GORDINHO — Não. O doutor não entendeu. Eu não...

OLHOS — (Jogando a casca de banana no chão com raiva) Doutor é o Eça. PORRA! Digo, pôxa! E o Eça, já falei.

GORDINHO — Eu não conheço o Charlie Parker...Eu apenas...

OLHOS — (Corta) Pára! Rá, rá, rá. Vivo disso. Vivo disso. (Pausa) Charlie!



Isso, estamos melhorando. O primeiro nome é Charlie. (Pausa) Charlie Parker. É ele o contato.

GORDINHO — Não. Não. Contralto não. Ele toca sax-alto...quer dizer, tocava.

OLHOS — Cortina de fumaça...vai! vai!

GORDINHO — É...eu digo tocava, porque ele não toca mais...ele...(Para)

OLHOS — Mudou de profissão? Foi pra onde? Fala!

GORDINHO — (Quase chorando) Ele tocava...tocava merda...ele morreu.

OLHOS — Olha o palavrão, hein?

GORDINHO — Mas eu tô dizendo, ele morreu. Ele foi um dos precursores do Be Bop, o maior improvisador. E aí, é isso... eu gosto muito de jazz... ai ele morreu. É isso...(Choramíngua)

OLHOS — (Depois de uma pausa) Hum. Vamos ver...Parker. Vamos ver. (Pausa) Não esquece: você que determina o tratamento. Hum. Vamos ver. (Vai até o painel-rádio. Faz uma ligação) Alô Eça...Olhos de Lince chamando Doutor Eça...(Pausa. Para o Gordinho) A besta sempre demora para responder. Alô Eça! Alô Eça! Tô pensando que eu sou tua babá? Alô Eça? Câmbio! Olhos chamando, merda, digo merda mesmo! (O motor começa a fazer uns ruídozinhos. Entra a voz de Eça)

EÇA — "Ok, brother. Ok. I am in street Taylor number 48. Repetindo: certo, irmão, estou na rua Taylor, número 48. Câmbio."

OLHOS — Eça, já te pedi, pelo amor de Deus, não traduz. Não traduz.

EÇA — "Mas Silveira..."

OLHOS — Silveira é a tua mãe. (Olha preocupado para Gordinho, que educadamente, finge que não ouviu nada)

EÇA — "Ok Olhos. Ok. Sorry, excuse me."

OLHOS — (Dá uma respirada e continua) Vê aí no quarto desse cara, tudo. Todos os cantos...quero tudo. Espere imbecil, vê se tem o endereço dum tal de Parker. É ele o contato. Vê tudo.

GORDINHO — Não, pera aí.

EÇA — "Ok boss, digo: certo chefe. Oh... desculpe, não foi minha intenção."

OLHOS — Pelo amor de Deus Eça. Vê tudo e traz o que tiver. Por que se esse cara mentiu da glicose, não dá mais pra acreditar. (Desliga, resfolega. Olha para o Gordo) Está vendo os problemas? Isso ninguém vê. A equipe é boa. O próprio Eça não é mau. Mas essa mania dele de americano me irrita.

GORDINHO — Mas é sempre bom a gente saber mais de uma língua. Isso e...(Vai parando. Olhos fica encarando)

OLHOS — Você precisa ver o doutor Eça com raiva. O tremor não é nada. (Dá uma andada pela sala) Sim senhor, hein? Quer dizer que o senhor está aí, fazendo das suas, pintando e bordando, e pensa que é assim...que ninguém te vê, que ninguém te ouve. Pensa que é assim: mão-dupla, pra lá e pra cá. Apronta, e não tem ninguém por perto. (Pausa) Vivo disso, meu filho, vivo disso. (Pausa) O que é que você quer dizer com...(Para) Vá lá, você que me obriga a isto. (Respira) "UMA MERDA, HOMEM...ISTO AQUI ESTÁ UMA MERDA?"

GORDINHO — Eu não falei isso.



OLHOS — Está lá. Pixado no teu quarto. Tá lá: fotografado. Filmado. Tá lá.

GORDINHO — Não é bem assim. Depende da tradução.

OLHOS — Escuta, o Eça pode ser tudo, mas não é uma besta total, completa. Um pouco de inglês ele arranha. (Pausa) EVIL MAN...EVIL, pixado no próprio quarto.

GORDINHO — Pixado não, pintado.

OLHOS — **Pixado!** Quer dizer: Você já estava se achando no poder. Não ligava pra empregada, se ela ia reparar ou não.

GORDINHO — Ela não sabe ler...Ela...

OLHOS — Você está insinuando o quê? Pretensão! Pretensão e água benta! Você é o "intelectual"...Tua empregada é uma besta...É isso...Olha a hipocrisia. "Contradição" como vocês dizem.

GORDINHO — Mas pera aí, o senhor está me confundindo. Eu não chamei ela de besta. Eu...

OLHOS — Vivo disso: Vivo disso.

GORDINHO — Mas eu queria dizer que...

OLHOS — (Sarcástico) É assim mesmo: "Igualdade" só no papo...se aproveita da empregada e ainda acha ela uma merda, digo, uma estulta.

GORDINHO — Pelo amor de Deus.

OLHOS — Vivo disso. Rá, rá, rá.

GORDINHO — Por favor, a Dorinha eu nem trato como empregada, eu...

OLHOS — Intelectual é tudo assim. Se aproveita e vai ver paga uma miséria.

GORDINHO — (Protesta) Não. Ela tem INPS e tudo. Tem folga, tudo direitinho...Claro, dentro da minha realidade. Eu não posso...(Pára) Eu...

OLHOS — Fala.

GORDINHO — (Fica calado)

OLHOS — FALA! Fala que você não pode fazer sózinho "o que compete ao sistema", etc., blá, blá, blá... "seu"... "seu"...(Pausa) E aí?

GORDINHO — E aí, o que o doutor, perdão, senhor... senhor... Por favor, como posso chamá-lo?

OLHOS — (Baixa a voz) Lince. Olhos de Lince. (Pausa) E aí?

GORDINHO — Senhor Olhos, eu estava tentando explicar que eu gosto muito de jazz. Sou amarrado no "bird", e aí...

OLHOS — Pára! BIRD. Rá, rá, rá. Codinome! Tá vendo? Eu não disse? Sem violência. Ninguém pode dizer que eu usei de violência. Papo pra cá, papo pra lá...vivo disso, meu filho, vivo disso. Você se distraiu, e falou o nome de guerra. (Pausa) "Nome de guerra", é assim que vocês falam não é? Rá, rá, rá. (Pausa. Gordinho enfia a cara nas mãos) Quem é Bird? Quero tudo: nome, ponto, cargo, tudo. Fala! (Liga a luz azul da tela)

GORDINHO — Ai que frio! Tá frio! Pára!...

OLHOS — Quem é Bird?

GORDINHO — É o Parker...É o Parker...

OLHOS — O contato. Parker, o contato.

GORDINHO — Não. O sax...(Explode) PORRA!!! O SAX...O CHARLIE...



O CHARLIE PARKER! Nasceu em Kansas City, morreu em 12 de março de 1955.

OLHOS — Um de menos.

GORDINHO — Não ofende ele. Não ofende.

OLHOS — (Aumenta a luz) Contato...Kansas city...quer dizer; ligações com o exterior...Denegrindo "seu"..."seu"...(Mexe mais na luz)

GORDINHO — Tá frio. Pelo amor de Deus, tá frio. (Olhos desliga a luz, pega o roupão, dá para Gordinho. Senta perto dele)

OLHOS — É o que eu te falei. O nível sobe ou desce de acordo com o teu comportamento. Vivo disso. Vivo disso.

GORDINHO — Obrigado.

OLHOS — Agora você vê. Você é prova, testemunha. Não te toquei um dedo. As coisas tão se juntando. Melhor pra mim, pro Eça, melhor pra você.

GORDINHO — Obrigado.

OLHOS — O Eça deve estar estourando por aí. Mandei ele trazer tudo de suspeito lá do teu quarto. Aí a gente checa tudo, e vamos ver como é que fica. (Pausa) Mas tá melhorando. Que tá, tá. (Vai até a geladeira e traz o suco para Gordinho) Toma. Aquele. O que você pediu.

GORDINHO — Oba. Obrigado.

OLHOS — É o que eu te falei: sobe ou desce. Vivo disso. (Gordinho bebe. Olhos anda pela sala) Então já sabemos, além de outras coisas, que você andou gritando besteira num bar. Tá aí, gravado, ninguém me deixa mentir. Tá aí. Que você se comunicava com um tal de "Bird", que era nome de guerra — e quem usa nome de guerra boa coisa não é, — que o nome do cara é Parker: Charlie Parker. E que a palavra de ordem é... (Pausa) Vá lá: UMA MERDA. HOMEM...ISTO AQUI ESTÁ UMA MERDA.

GORDINHO — Nem tanto. Acho que tá havendo uma certa...quer dizer...

OLHOS — "Abertura?" Rá, rá, rá. Jargão. Jargão. É tudo igual. (Aproxima-se de Gordinho) Fazendo a cabeça da moça, hein? Rá, rá, rá.

GORDINHO — Não, eu juro que...

(A geladeira começa a fazer o som de bip. Só que mais urgente. Olhos vai rápido e põe o fone no ouvido. Escuta um tempo. Seu rosto vai mudando. Levanta preocupadíssimo. Olha para Gordinho)

OLHOS — EÇAAAAA. PORRAAAAA! É isso mesmo que você ouviu: PORRA mesmo! Não traduz. Traz tudo o que tiver. Não abre. Chama um técnico em explosivo! Não abre! Traz já pra cá! (Ouve) Agora. E não traduz, sua besta! Corre pra cá! (Tira o fone lentamente. Sorri sinistramente para Gordinho) Tira o roupão. Bota o suco de volta. (Gordinho obedece) Abaixou o nível outra vez. (Faz suspense) Sabe o que é que o Eça achou no teu quarto, já ia saindo?, vem trazendo, já tá à caminho? (Vem lentamente em direção à Gordinho, que se levanta segurando o cuecão, e vai recuando até encostar na parede) Uma caixa preta. Enorme. Enrolada num cobertor. Perigosinho. Da "pesada", hein? "Seu"..."seu"...vivo disso.

GORDINHO — (Quase chorando, meio desesperado) Não! A caixa não. Tudo menos isso. A caixa não. (Levanta as mãos para falar com Olhos. A cueca quase cai. Ele agarra outra vez, desesperado) A caixa não...(Chora ruidosamente. Olhos gargalha sinistramente. Entra um solo de bateria, en-



quanto luz vai descendo em resistência. A tela da geladeira ilumina-se, e os slides passam rapidamente até fixar-se na foto de Gordinho pixando o muro, que vai desfocando até sumir, juntamente com solo de bateria que explode. Black out.)

(Tempo. Luz vai retornando. O quadro é o seguinte: O Gordinho está sentado, de cuecão, tremendo de frio, na prateleira-cama. Tem em seu colo uma caixa preta quadrada. Em frente a isso, colocada em posição de câmera baixa, vemos uma filmadora em 16 mm, e dos dois lados de Gordinho, dois tangões iluminando a cena. Olhos segura um rebatedor. Eça, com um fotômetro mede nervoso, andando de uma lado para o outro. Está sem paletó. Tira de uma bolsa de lentes, uma, que ajusta à filmadora. Passa constantemente um lenço de avião lilás, como um ritual, na testa. Desce pelo rosto, fica um tempo coberto, depois suavemente desliza pelo queixo. Fecha os olhos por um tempo, suspira e volta para o trabalho, enquanto guarda o lenço, num dos bolsos do paletó. Esse ritual, ele fará sempre que utilizar o lenço. Coloca o olho no visor da câmera. O Gordinho lá, sentado com a caixa na mão.)

OLHOS — (Já cansado de segurar o rebatedor) Anda Eça, não complica. Esse troço está pesado. Filma logo.

EÇA — (Ajeitando o foco) Não fala que atrapalha, Segura firme.

OLHOS — Você é que me atrapalha, já te falei. Não sou tua babá. Filma logo.

EÇA — Tá estourando a luz. Abaixa um pouco o rebatedor.

OLHOS — Tá complicando. (Pausa) Você me deixa nervoso...esse cheiro desses lencinhos de avião... Não sei como é que você aguenta.

EÇA — (Sem tirar o olho do visor) Abaixa um pouco.

OLHOS — Vai Eça. Vai. Tô com cáibra.

Eça — Tá bom. Só um tempo. É o foco. Essa caixa preta me deixa nervoso também.

OLHOS — Pois é. Filma tudo, pra depois não saírem dizendo por aí, que chapéu é boné. Vai.

EÇA — (Dá mais uma passada de lenço. Volta para o visor) Atenção, Gordinho. Não mexe.

OLHOS — (Gritando) AÇÃO!

EÇA — (Bate com o olho no visor, com o susto do grito. Levanta, olha para Olhos) Assim não dá. Assim eu não consigo. Não dá.

OLHOS — Tá bom Eça, pelo amor de Deus, faz o que você quiser.

EÇA — É o tal negócio. Tô esgotado. Eu que vou na rua, corro pra lá e pra cá. Faço tudo! Agora tem que ter o mínimo de cuidado técnico. Não é assim: mira, faz pontaria e manda fogo. Então faz você.

OLHOS — Tá. Desculpa Eça. (Eça volta para o visor) Mas não precisa enquadramento, frescura. Documenta e pronto.

EÇA — (Larga a câmera) Agora não dá. Estou sem condição de trabalho. Sem clima não dá. Olha minha mão...Olha o que você fez. (Começa a tremer a mão)

OLHOS — Porra Eça, digo, poxa! Tá bom, passa o lenço, mas filma logo. Você está exagerando.



EÇA — Sem condição de trabalho eu não filmo. Não filmo! Olha minha mão. E sem hora extra. No amor...sem hora extra.

OLHOS — Meu saco! Digo, minha paciência. Eu que sou o tesoureiro? Reclama lá em cima, lá em cima. Comigo não.

EÇA — (Nervoso) Faço tudo. (Para o Gordo) Você precisa ver: tudo! Dirijo, fotografo, corro atrás, faço tudo, tradutor e nem hora extra.

OLHOS — (Joga o rebatedor no chão) Pera aí, tradutor não. Aí é demais. Com o teu inglesinho de correspondência. Que é que há Eça.

EÇA — Ah é? Ah é? Tirando goodnight e ok, vocês vão apelar pra quem? Me diz? Pra quem?

GORDINHO — (Nervoso) Senhores, calma...eu acho...

OLHOS — Correspondência, sim senhor. Que é que há, Eça. Eu fiz Cultura, na CULTURA! Eu tenho acento. Eu não tenho é saco, digo, é isso mesmo: SACO! CULHÃO! Pra imitar coisa dos outros. Não preciso me afirmar.

GORDINHO — Senhores, por favor, calma. Eu não sei, mas eu acho que os senhores falam inglês bem. É só um problema de inglês da Inglaterra e inglês de americano.

EÇA — (Exaltadíssimo) Careta! O inglês dele é careta. Impostado. Fora de época.

OLHOS — (Também exaltado e já aos gritos) Eça, se coloca. Se coloca.

GORDINHO — Por favor gente boa... vocês são amigos... esse tipo de clima... tô ficando irritado... (Grita) MERDA! (Os dois param e olham para ele. Gordinho mais calmo) Sei lá, transaminases, colesterol, acho que vocês deviam parar. Sei lá. (Os dois continuam olhando para ele) É... eu não tenho nada com isto. Mas eu também arranho um pouco de inglês. Que é que há, gente boa? O problema não existe. É mais uma questão de acento. Mas os dois falam bem. (Eça e Olhos estão absortos, ouvindo. Gordinho sai da prateleira-cama. Deixa a caixa lá. Esfrega as mãos. Faz umas flexões) Quer ver só: get-out e geraut. É acento... Os dois falam bem (Pausa) Com licença, tô com arrepio. (Pega o roupão e veste. Os dois continuam olhando) Vocês podem não acreditar, mas o jeito, depois de uma certa idade, tem que... (Para) Perdão Eça, qual é a sua idade?

EÇA — Quarenta.

GORDINHO — (Pensa) Quarenta. É... Quarenta tá lá e cá.

EÇA — Lá e cá o quê?

GORDINHO — Não... É o cuidado maior. Transaminases... emoção forte... Evitar baixo astral. De seis em seis meses, um electro. É... quarenta é fogo. Entre trinta e poucos e quarenta é fogo. (Pausa)

EÇA — (Passa o lençinho) E o meu maior problema, é o tremor. Olha só: olha só como é que eu fico. E essa sala, nem ventilação tem.

GORDINHO — Molha os pulsos com água gelada. Abaixa a cabeça e põe o lenço de avião na nuca. Lenço de avião é bom pra isto. Refresca... Relaxa... Mentaliza a vibração positiva... com sua licença. (Vai até Eça) Curva a espinha. (Eça obedece) Assim. Agora bota o lenço na nuca. Relax... relax... Da testa pra nuca. Da testa pra nuca. Da testa pra nuca. Da testa pra... (Eça vai fazendo o que Gordinho manda. Olhos de repente se toca e grita:)

OLHOS — EVIL MAN... EVIL!



(Gordinho se assusta. Tira logo o roupão. Eça que estava fazendo relaxamento, levanta o corpo também no susto, recua, escorrega na casca da banana, perde o equilíbrio e entra por dentro da geladeira, que começa a chiar com sons de microfonia. Entra uma música oriental e uma voz com sotaque japonês com um pouco de eco)

VOZ — "Alô, alô, alô. Soldado, meu querido soldado americano. (Música aumenta) A essa hora, vocês aqui? Qui... qui... qui... e a América? Seus filhos? Suas mulheres? E a América? Larguem as armas... Larguem as armas... Saiam do Japão e voltem para suas casas"... Pensem bem. Vocês aqui. O primeiro mês passou, o segundo mês passou. Walt Disney... O langor da tarde. Agora, ah... as tardes da América... Malibu... as ondas... Suas mulheres com o corpo ardente... E vocês aqui, comida diferente... Ah, o langor... o corpo ardente... Voltem para seus lares... Go home marines... Go home." (Sobe a música)

OLHOS — (Enquanto Rosa fica repetindo Go home com eco) Meu Deus! Desprogramou tudo! Ah Eça. Eça... Não era pra entrar isso agora. Eça, se liga. Se liga!

VOZ — "... E aqui mais um encontro de ternura com vocês, meus queridos yanques. Beijou da sua Rosa de Tóquio. Qui... qui... qui..." (Sobe a música, e permanece com risadas ao fundo, sempre com eco)

OLHOS — (Puxando o Eça, que na queda, ficou com meio corpo dentro da geladeira) Viu o que é que deu a tua dependência? Viu?! Misturou. Desprogramou. Guerra fria era depois. (Tirando o Eça) Cadê a conservação, Eça? Cadê

EÇA — (Tentando desvencilhar-se) Eu que tenho culpa? Essa merda dessa japonesa é de quarenta e cinco, como é que entrou na frequência? Eu que tenho culpa?

OLHOS — Desliga Eça. Desliga e tapa o ouvido desse cara. Não é pra ele ouvir. Tapa e desliga. Vai. (Solta Eça)

(Eça vai e tapa o ouvido de Gordinho, ao mesmo tempo que tenta obedecer as ordens de Olhos)

EÇA — Uma coisa ou outra. Tô nervoso. Essa japonesa de merda. (Risadas de Rosa)

OLHOS — Olha o palavrão! E desliga.

GORDINHO — Eu já fui mecânico. Posso tentar.

OLHOS — Você fica quieto e tapa o ouvido.

GORDINHO — Mas a segunda guerra já acabou. (Pausa. Olhos e Eça se olham) Eu manjo essa japonesa. Ela ficava num filme do John Wayne enchendo o saco dele todo dia, no rádio do acampamento. Eu vi o filme, três vezes.

OLHOS — (Olhando para o teto) Meu Deus, eles vão me esculhambar, digo, cair em cima de mim. (Música aumenta mais ainda, junto com risada de Rosa)

EÇA — Desliga esse troço. Olhos.

OLHOS — Não consigo.

GORDINHO — Eu posso tentar, já falei.

OLHOS — (Resolve arriscar) Larga ele Eça. Larga ele, mas não tira a mão



do ouvido dele. (Gordinho, com Eça tapando seus ouvidos, vai até a geladeira. Abaixa-se, vira o painel, aparece uma porção de fiação, válvulas, etc. Ele mexe nuns fios. A música para)

OLHOS — (Mais aliviado) Não era agora. Desprogramou como? A máquina é boa. (Virando para Eça) Mas tem que ter conservação. Já te falei. Cansei de falar.

EÇA — Que é que há. Olhos? Cá pra nós: boa nada... coisa nacional. Defasada. Obsoleta.

OLHOS — Não bota defeito Eça, você é um colonizado. Vai pra lá. Muda pra lá. A porta da rua é serventia da casa. Vai!

EÇA — E mudo mesmo. Mais um ano de inglês, e mudo mesmo.

OLHOS — (Irritando-se cada vez mais) Você devia ter mais respeito pela coisa nacional. Esse teu perfumezinho, esses teus lencinhos, esses teus tremores. Rã, rã, rã. Lencinho de avião... coisa dúbia... coisa dúbia...

EÇA — Não adianta Silveira, eu não vou aceitar este teu tipo de provocação. Não adianta.

(Gordinho está alheio mexendo nos fios)

OLHOS — Ah é? Ah é? Silveira?! Ah é? Abriu? É pra abrir? Tá bom! (Vira para o Gordo que não está nem aí. Continua mexendo nos fios) Sabe como é que é o nome dele? Mesmo? Batismo, pia e sal? (Suspensezinho) ANTUNES. (Repete) AN-TU-NES. Rã, rã, rã. E quer saber o apelido? (Outro suspensezinho.) ANTUNES TRANSBRASIL. Por causa dos lencinhos. Rã, rã, rã. Ele é todo americano, mas só usa lencinho de avião nacional.

EÇA — Mentira. Não discrimino. Uso de qualquer avião.

OLHOS — Conversa. Antunes. É que o lencinho da Transbrasil é lilás. Coisa dúbia... coisa dúbia...

EÇA — Silveira, vamos parar. Olha a cagada. Olha as minhas mãos. (Começa a tremer. Gordinho nem aí.)

OLHOS — Falta de competência, isso sim. Bota a culpa no material nacional.

EÇA — Ah meu filho, quem nasceu pra tostão não chega a dólar.

OLHOS — Eça se coloca, se coloca! (Eça começa a tremer cada vez mais. Bota a mão esquerda no coração)

EÇA — Ai... ai... ai... ai Silveira. Pelo amor de Deus. Tou tendo um troço aqui, por aqui. (Apalpando o peito)

OLHOS — Passa o lencinho... passa o lencinho... Rã, rã, rã.

EÇA — AI!! (Cai no chão. Gordinho se assusta, levanta e bate com a cabeça na prateleira-cama.)

GORDINHO — Merda!

(Olhos para de rir. Vai até Eça. Ainda não acreditando)

OLHOS — Eça... Eça... Passa o lencinho. (Eça não se mexe. Olhos vai ficando preocupado) Eça... Eça... Fala comigo. (Tempo. Sacode Eça) Antunes. Meu Deus. (Só agora repara o Gordo) Faz qualquer coisa, seu merda, digo, seu inútil. Chama um médico. Liga pro médico.



world! A América... I am going... Eu estou indo... James Cagney... Village...

OLHOS — Eça, não faz isso comigo... Os homens lá em cima... não faz isso comigo...

(A geladeira começa a chiar outra vez. Entra solo de bateria, música oriental, misturado com a voz e a risada de Rosa de Tóquio, com eco)

ROSA — "Voltem... Go home... O langor, não esqueçam do langor... Por quê, sailors? Porque vocês aqui? Tão longe... Japão... Comida diferente... tempero diferente... Cuidado, não esqueçam: O primeiro mês passou... o segundo mês... as mulheres de vocês... lindas... Americanas... pernas longuíssimas... Penugem na nuca... Ai, o langor... Ai, eu também enlouqueço com o langor... Go home... Sayonara... Go home... Qui... qui... qui... (Ri histericamente. Som de sino de pagode chinês meio em eco)

OLHOS — Eça, pelo amor de Deus, tá gravando! Pode tá gravando tudo! (Para o Gordinho) Me ajuda. Mexe nos fios. (Gordinho não se toca. Continua "solando" Parker) Eça, vai dar caída, digo, complicação. Acorda... acorda. Vai ter ataque agora? (Para o Gordo) Mexe nos fios... Você me paga desgraçado.

GORDINHO — Deixa, o Toninho está viajando. Lenço de avião... (Ri) Toninho Transbrasil... gente boa... Só pega de lenço de avião. Yeah... Evil... Evil...

(Olhos vai até a geladeira. Sacode. Nada. Tem uma lembrança, vira uma lateral dela, e aparece um telefone público. Tenta falar — nada. Começa a dar socos. Nada. Vira para o Gordo)

OLHOS — Tem ficha?

GORDINHO — (Para de "tocar", tira o fone da mão de Olhos) Fala o número.

OLHOS — 1033374223014.

GORDINHO — Tem ramal?

OLHOS — Não. Só 1033374223014.

GORDINHO — (Faz o macete das pancadinhas. Telefone faz um som de chamada. Gordinho passa para Olhos)

OLHOS — (Ouve) Graças a Deus! Alô. Aqui é o Silveira. Digo, Olhos... Porra! Digo, porra mesmo! De Lince, de Lince seu merda... De Lince! Escuta: a geladeira endoidou, o Eça acho que dançou, morreu, teve ataque, sei lá. (Ouve) Ele não larga os lenços. Que é que eu posso fazer? (Ouve) Manda alguém aqui da conservação. Pedi faz três meses... Manda pra já, seu besta. Mas com know-how, digo, competência. (Ouve) O quê? Hein? Falta de pessoal? Caguei! Digo, caguei mesmo! E a conservação? Três meses. Três meses. (Ouve) O quê? Alô... Alô... Alô... (Para o Gordo) Cortaram a ligação. O que é que você mexeu, "seu"... Cadê os fios? Você misturou... cadê os fios?

GORDINHO — Ah... Agora sou eu? Quer eu desmancho, pronto. (Vai até o painel. Olhos o segura)

OLHOS — Pára, não mexe mais. Eu acho que eu também estou meio...



(Bota a mão no peito. A geladeira começa a tremer. En'ra barulho de bar, telefone, voz gravada de Eça, quando em delírio, de Olhos, de Gordinho, música oriental, risada da Rosa de Tóquio. Olhos desesperado fica falando "alô", no telefone. Eça deitado na prateleira-cama, delira. Gordinho vai até a porta da geladeira, se serve de suco, senta numa cadeira, e fica bebendo. Luz vai saindo. Entra um solo de bateria. Fica só a tela da geladeira, com a foto de Gordinho de baiana. Escurece. Fim do primeiro ato.)





2º ATO

Abre. O Eça deitado na prateleira-cama. Ainda delirando. Não dá para se entender direito, mas já está melhor. Olhos está sem o paletô. Gravata aberta, sentado numa cadeira, e com os pés na outra. O Gordinho está à vontade. Em casa. De roupão, serve-se de suco, dá um copo para Olhos, que aceita e agradece. Gordinho vai até Eça, levanta sua cabeça, faz ele beber um pouco de suco. Eça continua delirando. Gordinho pega no chão, a caixa preta. Olhos, impotente, observa. Gordinho, delicadamente abre a caixa. Olha para o seu interior, comovido.

GORDINHO — Raridade... Raridade...

(Tira de dentro da caixa, um disco, daqueles 78 rotações, e na tampa da caixa, que é um toca-discos de pilha, ele coloca o 78. Entra um Blue, bellissimo, de Charles Parker. A música vai tomando o ambiente. Fica um clima melancólico, nostálgico. Gordinho fica parado, olhos fechados, no meio da sala. Eça delira baixinho. Olhos vai ouvindo, vai sendo tomado pelo Blue. Põe as mãos no rosto, e começa a soluçar. Gordinho vai dizendo a formação do conjunto, enquanto meneia suavemente o corpo)

OLHOS — (Não agüenta) Meu Deus, o que é que eu fiz da minha vida... Quarenta anos... me dediquei, nunca faltou nada dentro de casa... Nunca faltei com as minhas obrigações... Bom pai, bom esposo.

GORDINHO — Se solta, se solta... Deixa o "Bird"... Ele te toca... Deixa o coração solto, se solta Silveira... se solta...

OLHOS — (Comovidíssimo) ... É demais... Ele é americano, mas toca demais. (Soluça) Também gosto do Lupicínio, Carinhoso, Apanhei-te Cavaquinho, Lamento...

GORDINHO — Claro meu irmãozinho... Parker, Lupicínio, Pixinguinha... Já imaginou? Os dois, mais o "Bird"? O Budie Richie... Al Haig no piano... Lamento é bellissimo. (Solfeja) "Morena, tem pena, etc." Ai... ai... pára... pára...

OLHOS — (Meio soluçando) "Podemos ser amigos simplesmente, coisas de amor, nunca mais..." (Chora) Meu Deus, o que é que eu fiz da minha vida.

GORDINHO — Fernando Lobo... Gente boa. Ele e o Parker. É tudo blue, feeling... Se solta... Se solta...

OLHOS — Nunca faltou nada. Bom pai, bom marido. É bem verdade, tinha minhas fugidinhas, uma vez ou outra, mas quem não tem? Quem vai atirar a primeira pedra? Quem? (Soluça) Sou homem, a gente sabe como é... Mas nunca faltou nada dentro de casa. E de repente, dói. Dói, você chegar em casa, e tá lá, um bilhete colado na penteadeira: "Silveira, continuar é besteira. Me mandei com o Romão."

GORDINHO — Não é uma rima, mas é uma solução.

OLHOS — O quê?

GORDINHO — Nada. Se solta... Se solta.

OLHOS — O Romão... Meu melhor amigo... Ia lá em casa, almoçava junto... Era que nem irmão. Era que nem eu e o Eça... Eu, Romão e o Eça... Era assim, (Faz com a mão) os três... (Soluça) E a Ivete me faz isso... Machuca... (Chora)

GORDINHO — (Dando força para Olhos) E daí? Que é que há, Silveira? Você tem um mundo pela frente. Levanta a cabeça! Que é que há? Você, boa pinta... Mulher tá tudo aí... Você tem é que relaxar, levantar o astral, levanta a cabeça!

OLHOS — (Soluçando) Eu... Romão... e Eça... e Eça... (Vai parando e olha para Eça, que delira em BG) Gente boa o Eça. Também ia muito lá em casa... O Eça... (Pinta alguma coisa na cabeça dele) O Eça... (Pausa) O Eça? (Pausa) Será que... (Recusa a idéia) Não! Ai é demais. (Levanta) O Eça não! (Pausa) Meu Deus... Esses lencinhos... Meu Deus. (Olha fixo para Eça) Ele é muito educado, uma vez ofereceu lencinhos para Ivete. Ele... Ela... Não... Não... (A "idéia" vai crescendo em sua cabeça) Uma vez, tava calor... Tava calor... Tava demais... (Gordo pára de menear o corpo, senta e fica ouvindo) Moro em Olaria, quer dizer, morava... Larguei tudo depois que a Ivete... (Vai chorar, Gordinho corta)

GORDINHO — E aí? E aí?

OLHOS — Olaria é muito quente. O Eça tava lá, almoçando com a gente, e eu sai para comprar mais umas cervejas... que eu recebo muito bem, verdade seja dita.

GORDINHO — E aí? E aí?

OLHOS — E aí.. sai para comprar. Os dois ficaram sózinhos. Quando eu voltei... (Pára) Meu Deus... A Ivete tava passando um lencinho de avião no rosto... E o Eça, meio... Como é que eu vou explicar... Meio assim... "Minha senhõra pra cá, minha senhõra pra lá"... E eu nem aí. Na maior inocência. (Muda. A "idéia" o transtorna) Será que... será que até o Eça? Eça, essa, isso... esse... (De repente, "leão ferido" vai até a prateleira-cama, e agarra o pescoço de Eça) Calhorda, canalha... Falso amigo. Eu te mato! Na minha própria casa! Meu lar! Lar não! Lar é sagrado! Sagrado!

GORDINHO — (Levanta e tenta separar) Segura Silveira... Segura. Você não tem prova... Segura.

OLHOS — (Estrangulando Eça) Lencinho é? Lencinho?

(Esbofeteia Eça. Gordinho com muito esforço, consegue separar e senta Olhos outra vez. Eça nem se toca. Olhos enfia a cara nas mãos e soluça. Eça volta a delirar mais alto)



EÇA — ... Subo de baixo. Livre iniciativa. Pego de garçom... Táxi... Depois o topo! I am going in the top of the world! Eu no topo! Na América! Os lencinhos... Rã... rã... rã... Lá sim, ninguém me segura. Vou ficar rico, milionário... Subo na vida... Um patrimônio... Vou investir tudo em lencinhos de avião. Quero todos... Vou forrar, deitar, rolar, rebolar, me amassar, lamber, cheirar, me cobrir, dormir em todas as cores... Lilás... Violeta... Turquesa... Vou cobrir a Quinta Avenida de lencinhos. Todo mundo numa ótima... E eu, lá de cima... IN THE TOP OF THE WORLD! No topo! América... Eu... América... Ivete... Dona Ivete... (Para de repente. Dá um corte no barato) Meu Deus, onde estou? Ivete... Digo, Dona Ivete, quer dizer, I have... Onde estou?

OLHOS — Ivete? Você falou Ivete?

EÇA — (Recuperando-se aflito) Onde estou? Me dá um lenço, qualquer um, qualquer cor...

OLHOS — Você falou Ivete, Iscariotes!

EÇA — Meu Deus, eu transcendi... Extrapolei... Sai da matéria... Outra galáxia. O corpo é só aparelho. O que é que aconteceu? É o karma. Tô chegando agora. Alguém tem um cigarro, um copo d'água, um lenço... Pode ser um lenço...

GORDINHO — Segura Eça. (Para Olhos) Ele falou I have.

OLHOS — Ivete, eu ouvi bem.

GORDINHO — (Tentando limpar) Não eu juro, foi I have! É o tal negócio: inglês da Inglaterra e inglês de americano.

OLHOS — Eu ouvi. Eu ouvi.

GORDINHO — (Entre os dois) Silveira, eu te juro.

OLHOS — Ele falou Ivete.

EÇA — (Já quase recuperado) Dona Ivete, gente boa. O que é que houve com dona Ivete?

GORDINHO — Eça se coloca.

OLHOS — Eu ouvi! Judas!

EÇA — O que é que houve? Eu tive um mal súbito. Tô chegando agora. Que é que há com Dona Ivete? Só podem ser estrelas e essências. Gente boa, educada.

OLHOS — O quê?!

GORDINHO — Porra Silveira, relax.

OLHOS — Essências... estrelas... Você ouviu?

GORDINHO — Licença poética... Porra gente, assim não dá.

EÇA — Uma santa. Silveira, você me ofende.

OLHOS — Essências... Perfumezinhos... E eu lá, que nem um babaca, digo, boboca, preocupado em comprar casco escuro, que é mais gelada. Querendo agradar, receber o amigo, o "irmão". "Seu"... "Seu"... (Levanta e parte para Eça outra vez)

(Eça tenta-se desvencilhar dos fios do electro. Os dois acabam se enroscando. Ficam meio amarrados. O Gordo cansa um pouco, e deixa os dois enrolados. Vai até o toca-discos, e vira de lado. Entra outro tema de Parker. Serve-se mais de suco. Vai ao telefone, tenta fazer uma ligação, não consegue. Volta para a cadeira, e fica olhando os dois engalinhados)





EÇA — Para, Silveira, juro!

OLHOS — Judas.

EÇA — Silveira, é que nem mãe.

OLHOS — Iscariotes... Iscariotes.

EÇA — Mulher de amigo meu, é que nem mãe, eu juro...

OLHOS — O Romão ainda vê lá, mas você...

GORDINHO — (Sentado tomando suco) Olha aí, gente boa, vocês vão se machucar, hein?

EÇA — Os fios Silveira, os fios. Vai dar choque.

OLHOS — Eu morro, mas você vai junto.

GORDINHO — Supera Silveira, supera. Meu saco.

OLHOS — Dona Ivete é? Dona Ivete?

(Caem da prateleira-cama. Esticam os fios. Alguns se soltam. A geladeira começa a chiar. Vozes. Jamelão canta. "Ela disse-me assim", ao fundo)

VOZ DE MULHER — "Aí, seu Eça. Ai... (Ri) Ai... Eu sinto cócegas... Ai, seu Eça... Ui... Ui... Ui... Fico toda... Toda..."

VOZ DE EÇA — "Me chama de Toninho, minha dama"

VOZ DE MULHER — "Cuidado, ele pode chegar. Ai... Ai não... Nem na orelha... Na orelha não... Ai, eu morro... Desfaleço..."

VOZ DE EÇA — "Essências e estrélas, minha dama..."

VOZ DE MULHER — "Tenha pena de mim, vá embora. Ele pode chegar, está na hora." (Ri nervosa)

VOZ DE EÇA — "Não ri. Não ri assim, que me deixa maluco. Eu..."

VOZ DE MULHER — "Cuidado! (Barulho de passos) Oiço passos..."

VOZ DE EÇA — "Seja o que Deus quiser..."

VOZ DE MULHER — "Cuidado! (Barulho de passos) Oiço passos!" (Passos se aproximam)

(Gordinho corre a geladeira, e começa a falar muito alto, mexendo em tudo que é botão)

GORDINHO — Olha aí gente boa, consertou outra vez!

(Os dois estão estáticos. Olham para a geladeira. Esperam a continuação da gravação. Gordinho continua a apertar tudo. Passos aumentam. Aproximam-se. Barulho de porta abrindo. Puta suspense. Gordinho consegue desligar)

GORDINHO — Essa Rosa de Tóquio é fogo, hein?

OLHOS — (Para o Gordo) Você ouviu?

EÇA — Meu lenço. Alguém viu meu lenço?

OLHOS — (Para o Gordo) Senhor Athos! O senhor ouviu?

GORDINHO — Era o Jamelão.

OLHOS — Era o Eça.

GORDINHO — Era o Jamelão. Cantor da pesada. Lupicínio...

OLHOS — Liga.

GORDINHO — Lupicínio... Parker... O maior jazz...

EÇA — Alguém viu meu lenço?

GORDINHO — O Parker de repente, fazendo fundo para o Jamelão. (Ri) É tudo África... Terceiro mundo... Escravos, soul, a nostalgia na voz.

OLHOS — Liga.

GORDINHO — O Parker é bom de qualquer jeito. Mas eu me amarro mesmo é com a formação mais pra-acustica, mais simples. Baixo de pau.

piano e bateria. (Ri alto) Uma vez, no Village...

OLHOS — Era a voz do Eça.

GORDINHO — (Continua muito rápido, tentando "limpar") Ele tava tocando com uns violinos.. Ai ele sacou que não eça bem isso, que não tava chegando na plateia. Não deu outra: dispensou as cordas ali mesmo, e atacou de Kim, um dos seus temas favoritos. Formação simples. Agora sente a loucura: o Max Roach na bateria. Uma loucura. A plateia enlouqueceu...

OLHOS — Era a voz do Eça, eu tenho certeza.

GORDINHO — (Continuando) O Max Roach tinha uma mão esquerda incrível...

OLHOS — Liga a geladeira.

GORDINHO — (Mais alto e mais rápido) O Budie Richie também era bom...

O Budie, o Max, o Al Haig no piano. Pelo amor de Deus!

OLHOS — (Grita) LIGA ESSA MERDA. (Gordinho para)

EÇA — (Ainda no chão) Alguém viu me lenço... qualquer um? Qualquer cor?

OLHOS — Cala a boca, Iscariotes. (Para o Gordo) Não mando mais, hein?

GORDINHO — Sim, Silveira. Digo, claro Olhos. Não, quer dizer... pois não, senhor Olhos... Chefe... Eu posso tentar. (Vai até a geladeira, mexe nos fios, nada. Vira os botões mexe nos painéis, nada) Acho que pifou mesmo.

OLHOS — Tenta, Tenta!

GORDINHO — (Tenta) Não tá dando.

OLHOS — (Vai até Gordinho, e o levanta pela gola) Tira o roupão. (Gordinho obedece imediatamente)

EÇA — (Tateando no chão) Alguém viu?

OLHOS — Você não fala mais nada. Se coloca. Se coloca Eça.

EÇA — Sim Olhos.

(Eça se levanta e vai se soltando como pode dos fios. Pausa. Olhos está arrasado, perdido, tentando recuperar um comando. Anda pela sala. Respira fundo. Olha para o chão)

OLHOS — Senhores. A vida, de repente, nos coloca diante de problemas que exigem respostas precisas. Onde a paixão deve ceder lugar à disciplina mental, à frieza, à racionalização, à calma, à ponderação. (Pausa) Ao desequilíbrio, a serenidade se agiganta, surgindo daí, a superação das contradições, que como turbilhão, revolvem o mais íntimo dos seres. (Respira)

EÇA — Chefe era o Jamelão.

OLHOS — Você não fala Eça.

EÇA — Não falo chefe.

OLHOS — Mas eu ia dizendo que todos estamos sujeitos a entrechoques. Mas um rígido e severo controle da emoção, nos transforma em condutores e não conduzidos pelo imponderável...

GORDINHO — É, isso acontece a qualquer pessoa.

OLHOS — Isso o quê?

GORDINHO — Isso.

OLHOS — O quê?

GORDINHO — O que o senhor falou. Qualquer pessoa está sujeita a uma fraqueza, e isso não prova necessariamente que o sujeito é mau caráter. Inclusive...





OLHOS — O senhor está se referindo a quê?

GORDINHO — Era o Jamelão. (Pausa. Olhos "fuzila" Gordinho)

OLHOS — (Dá uma respirada) Continuando, esse complexo, feito por seres humanos, está, admito, com algum tipo de problema: Queda de voltagem... fita trocada... falta de conservação. Enfim, falha tipicamente humana. (Pausa) Como os senhores podem facilmente perceber, eu estou absolutamente controlado, com total domínio dos meus nervos — é inegável. Acho apenas, que nós, os três, devemos por um instante encontrar um denominador racional, que, a despeito das nossas convulsões internas, permita pôr cobro a esse impasse. Ou seja: precisamos consertar a geladeira.

EÇA — (Respira aliviado) Graças a Deus.

OLHOS — Você tem alguma proposta Eça?

GORDINHO — Eu acho que a gente devia passar uma borracha em tudo. A máquina pirou e deve ter entrado uma gravação de novela de rádio no meio... Bateu na frequência, captou e deu esse mal entendido.

EÇA — Era o Jamelão.

OLHOS — Eça estou me referindo ao conserto da máquina. Do complexo

EÇA — Graças a Deus. (Pausa) Bem a gente pode tentar o telefone.

GORDINHO — Não dá nem sinal.

EÇA — (Vai até a porta) É manter a calma. Eles devem estar providenciando tudo.

GORDINHO — O calor é que é chato.

EÇA — Negócio é desligar. Pensar em outra coisa. Cabeça solta.

GORDINHO — É. O corpo aqui e a cabeça lá fora.

EÇA — Exato. Animal é que apavora.

(Silêncio)

OLHOS — (Olhando para as próprias mãos) Eu fiz Yoga. Posso me manter imóvel, dias, meses. Eu estou absolutamente controlado.

EÇA — Eu fiz expressão corporal, sapateado, tudo por correspondência.

GORDINHO — Eu toco percussão.

OLHOS — Eu consigo ficar imóvel e durmo de olhos abertos, quarenta e oito horas.

EÇA — Eu consigo ficar meia hora sem usar um lenço.

GORDINHO — Eu preciso ir ao banheiro, mas eu seguro por uns quarenta e cinco minutos, mais ou menos.

EÇA — Isso eu não consigo. Tenho soltura.

OLHOS — Eu mentalizo. Eu fico senhor absoluto das minhas ações e vontades.

GORDINHO — Eu fico só com falta de ar.

EÇA — Ainda mais com a máquina desligada. O complexo puxava o ar aqui pra dentro. Agora, parado... O ar vai sumindo, sumindo...

OLHOS — Eu posso ficar dias sem respirar.

GORDINHO — Eu não. Eu tenho sopro sistólico.

EÇA — E eu, tremores.

OLHOS — Agora, ainda na busca de um consenso, eu devo ser leal com os senhores: eu preciso treinar. Estou destreinado. (Pausa) Eu detesto ficar encerrado. Não gosto de elevador.

GORDINHO — Sensação terrível de abafamento.

EÇA — Pior é o cara dentro do caixão vivo.

GORDINHO — E aquela terra toda por cima... E o cara lá... Vivo... Lá embaixo...

OLHOS — (Começa a andar. Pigarreia) Claro... Todo o auto-controle tem limite. Ninguém é perfeito... Eu acho que... (De repente sai correndo e começa a socar a porta) SOCORRO! SOCORRO! EU TENHO FALTA DE AR! EU SOU CLAUSTROFÓBICO! SOCORRO!

(Olhos esmurta a parede. Eça também corre e faz o mesmo)

EÇA — SOCORRO! SOCORRO!

GORDINHO — (Também começa a gritar) SOCORRO! SOCORRO! SOCORRO!

(Os três gritam e esmurram histericamente as paredes. Depois de um tempo vão parando aos poucos. Ficam sem jeito)

OLHOS — (Ofegante) Mas o importante é manter o controle. O velho Olho de Lince. Lince é bicho incrível. (Ofega) Senhores: essa porta só abre, só fecha, a partir do comando deste complexo. Nesse momento, toda uma equipe, mobilizada em vários locais, os mais diversos e distantes possíveis, esperam por uma palavra, uma ordem que acionará imediatamente toda uma operação delicadíssima. (Pausa) Mas precisamos primeiro abrir a porta. (Pausa. Caminha pela sala) Alguém tem alguma coisa a dizer?

EÇA — (Também ofegante) Foi o Jamelão.

OLHOS — Eça se coloca. Com você eu converso depois. (Para o Gordinho) E o senhor?

GORDINHO — Bem... O Parker, já no fim, diz que ele não falava mais. Ai quando ele não tava tocando, diz que ele botava o sax-alto no joelho e ficava quieto. E quando iam falar com ele, ai diz que ele só dizia baixinho: "Evil man... Evil"... Quer dizer, ele não estava se referindo a ninguém, a nenhum lugar diferente. Era a "barra" dele... Da vida dele, entendeu? Ai... Eu sou fã dele e botei essa frase no meu quarto. Foi isso.

OLHOS — (Para Eça) E o senhor?

EÇA — Sinceramente, Olhos. Eu...

OLHOS — Com você eu falo depois.

EÇA — Sim chefe. (Começa a tremer as mãos, a procurar alguma coisa nos bolsos) Eu preciso de um lenço.

OLHOS — Se coloca Eça. (Pausa. Para Gordinho) E o senhor?

GORDINHO — É... É por aí...

OLHOS — Quero mais. Senta. Quero mais.

(Gordinho senta. Olhos vem para ele)

OLHOS — E aí?

GORDINHO — É a minha mãe. Ela gostava muito dos três mosqueteiros. Ela cismou e me botou o nome de Athos. (Ri) Imagine, logo eu senhor Olhos. Eu tenho lá cara de mosqueteiro?

OLHOS — E aí?

GORDINHO — É... Esse negócio de nome é um problema... Porque depois o filho não segura, e aí, dá no que dá.

OLHOS — Vai.

GORDINHO — O senhor quer ver? Capa e espada. Eu lá no berço, minha





mãe emocionada e já acha que eu vou crescer, pular de cavalo, matar o pai da moça, subir pela trança... Ai eu cresço e não tenho nada com isso. O senhor entendeu?

EÇA — Isso é verdade. Eu conheço um senhor que botou o nome no filho de Alexandre, O Grande. Assim mesmo — "O Grande" — e o garoto ficou no pré-primário, onze anos. (ri.)

(Olhos vira-se para ele. Eça vai parando. Fica mais nervoso ainda. Anda pela sala)

OLHOS — (Para o Gordo) Senhor Athos. Muito bem. E aí?

GORDINHO — Pois é... É como disse o senhor Eça. O filho é que paga. (Pausa. Olhos espera, Gordinho respira e continua) É... Realmente eu não sou nenhum Dom Quixote, isola. (Bate na cadeira) Eu não vou bancar a palmatória do mundo.

OLHOS — E aí?

GORDINHO — É... Não vou dar murro em faca de ponta. (Ri) Cumbuca estreita é pra mão de magro. (Ri. Agora Eça também está olhando para ele. Gordinho continua) Agora eu tenho, não vou negar, umas opiniões. Quer dizer... Opinião não. É aquele negócio... (Toma coragem) Quer ver? Eu acho que o sujeito tem todo o direito de comer carne com talher de peixe, desde que não jogue farofa no prato do vizinho. Quer dizer... Algumas coisinhas assim.

OLHOS — Vai. Continua.

GORDINHO — ... Pouca coisinha. É mais ou menos isso. (Pausa) Tem coisa que me chateia.

OLHOS — E o que é que te chateia?

GORDINHO — Não... Não é bem chatear... É... (Ri) Quer ver? Acho que aposta de bicheiro tem que pagar.

OLHOS — Que mais?

GORDINHO — É por aí... Pouca coisa. Eu sou... Como é que eu vou explicar... Eu sou um liberal... Pouca coisa. Nada de herói, mosqueteiro... (Ri) Imagine o senhor: quem gosta de índio é jesuíta. (Ri)

OLHOS — O senhor conhece algum?

GORDINHO — O quê? Índio? Não, só no bloco. (Ri)

OLHOS — Jesuíta. Como é o nome dele?

GORDINHO — Mas quem falou em jesuíta?

OLHOS — Você falou. Agora. (Para o Eça) Anota tudo.

EÇA — (Procura nos bolsos) Não tenho caneta.

OLHOS — Anota de cabeça, decora, faz qualquer coisa.

EÇA — Tô nervoso chefe.

GORDINHO — Ei, pera aí! Eu falei só que quem quiser comer carne, come. Quem não quer, não come.

OLHOS — Fala do jesuíta. (Pausa) Mora onde?

GORDINHO — Sei lá de jesuíta! O senhor entendeu mal. (Para o Eça) Eça, senhor Eça, eu falei de jesuíta?

EÇA — Falou de índio. De índio falou.

GORDINHO — Sacanagem Eça. Eu te socorri, te ajudei. Que índio?

OLHOS — Vai Eça. Decora, anota. Ele tá abrindo.

EÇA — (Fazendo cara de que está "decorando") Tô decorando Olhos. Pode deixar.

GORDINHO — Sacanagem. Que é que tem talher de peixe com índio? Me

diz, me diz! Índio come com a mão. Com a mão. É por isso que eles ficam putos. Com índio é assim: tá com fome, vai na rua, mata um homem e come. Ora, não inventa Eça, não inventa!

EÇA — Preciso de um lenço... Juro. Olhos, por favor.

GORDINHO — Que é que há? Tava aí passando mal, eu fui a mão amiga. Agora apronta com o senhor Olhos, com a dona Ivete, e vem pra cima de mim. Que é que há Eça?

EÇA — Dona Ivete não! Dona Ivete não! (Treme) Chefe eu não agüento esse cara, vou gelar ele. Eu gelo! Olha minha mão... Meu Deus, qualquer um... qualquer cor.

OLHOS — CHEGAAAA! (Silêncio. Olha para o Gordo. Vem para ele) Você está mais envolvido do que eu imaginava. (Pausa) Evil man... Evil... Índio... Jesuíta...

GORDINHO — Pelo amor de Deus. O disco, o senhor não viu que era o disco?

OLHOS — Cortina de fumaça. Agora tá começando a juntar, a fazer sentido. (Anda pela sala) O tal Parker lá fora, é o contato. O tal jesuíta... Você de ligação e pronto: olha os "índiozinhos" com malária, aftosa, febre amarela, sem pai nem mãe. Denegrindo. Quer dizer, os índios aqui, tudo numa boa, rádio de pilha, gravador, machado, facão, cobertor... E você, e esse jesuíta de bosta, digo, de merda, mandando espalhar lá fora, que tá tudo raquítico, com barriga d'água, espinhela caída... (Para o Eça) Tá anotando?

EÇA — É o seguinte chefe: o complexo é que gravava tudo. Eu fui ficando destreinado... Mais essa bobeira da mão...

OLHOS — (Fazendo movimentos incompreensíveis com a cabeça) Eça, tá anotando?

EÇA — (Faz também movimentos com a cabeça pra Olhos) Claro chefe. Deu pra decorar alguma coisa. (Aponta para Gordinho) Ele se disfarçou de índio para tumultuar a tribo. Aí pegou um jesuíta, fingiu que era magro, doente, aí mandou recado com fotografia e tudo pro tal de Parker, dizendo que isso aqui está... (Para) Com licença chefe. "Que isso aqui, homem, está uma merda", pronto, foi isso.

OLHOS — É... é por aí. Agora vamos ligar esse troço pra gravar o depoimento desse cara. E filma tudo. Aí depois a gente conversa. O pessoal da conservação deve estar estourando por aí. Agora vê se pára de tremer. Olha essa dependência.

EÇA — Sim chefe. (Pega o Gordinho pela orelha e leva até perto da geladeira) Encosta aí.

OLHOS — Sem violência Eça. Sem violência.

EÇA — (Pega um microfone, bota na mão de Gordinho. Aperta uns botões) Fala!

GORDINHO — (Esfregando a orelha) Doeu hein?!

EÇA — (Tirando o microfone de Gordinho) Alô, alô. Falando pra teste: "doutor e paciente, Peralta, Pateta e Mascate." Um, dois, três. Um, dois, três. Rodando e gravando. (Devolve o microfone para Gordinho) Fala.

GORDINHO — Alô.

EÇA — (Para Olhos) Chefe, não tá gravando.

OLHOS — Tenta o setor de pilhas.

EÇA — (Tenta outro painel) Não tá dando chefe.

GORDINHO — Pode ser amperagem.

EÇA — Amperagem não é. É programada. Tem regulador de voltagem, não fala besteira.





GORDINHO — Depende. Pode ter queimado um transistor.

EÇA — Que é isso, imbecil, o painel acusa.

GORDINHO — Depende. O tubo de imagem... Seletor de canal... Fio solto em curto... Correia frouxa... Não carrega a bateria... O platinado gasto... Falta de óleo... Radiador furado... Antena com estática... Ferrugem na válvula... "T" invertido... Cruzeta quebrada... Computador em V6... Interferência em FM... Filtro de óleo entupido... Gelo que pingou no conduto... Fio terra com mau contato... Poeira na escova do dínamo... Vela suja... Tuites rachados... Pode ser também...

OLHOS — Pára! Pára! Essa conservação. Eu falei, eu falei. (Para o Eça) Se vira Eça. Se liga. Se toca. Se coloca, mas faz alguma coisa. Pára de tremer, olha a dependência.

EÇA — (Treme mais) Desculpa Silveira. Digo, Olhos. Digo, chefe... Eu... Eu... Eu também sou contra o palavrão, mas... PORRA! MERDA! CÚ DA MÃE! Eu sou um intelectual, não vou sujar minha mão de graxa! Quem gosta de graxa é sapato! MERDA! PORRA! CÚ DA MÃE! (Bota a mão no peito) Se não pintar um, de qualquer marca, de qualquer cor, eu danço. Ai, eu não tô legal. MERDA! PORRA! CÚ DA MÃE!

OLHOS — (Explode. Dá um grito de karatê, parte para cima de Eça e dá-lhe uma ridícula gravata) Palavrão não! Palavrão não!

EÇA — Aperta Silveira... Mata, desabafa... Acaba com a matéria. Se'te faiz bem, acaba. Eu te perdoo. Você foi um bom amigo, bom colega. Acaba logo. Ai... Ai... Ai...

(Gordinho começa a circular em torno da geladeira, enquanto Olhos estrangula Eça)

GORDINHO — Olha aí, gente boa!

OLHOS — (Estrangulando Eça) É pro teu bem. Vai.

EÇA — Se for a vontade de Deus... Vai Silveira, vai fundo.

GORDINHO — (Com a tomada da geladeira na mão) Olha aí! A tomada.

EÇA — ("Estrangulado") Acaba. Acaba com a matéria.

OLHOS — A gente nasce com o destino traçado.

EÇA — Cuida bem da Ivete, digo, Dona Ivete.

GORDINHO — Olha aí! E a tomada!

OLHOS — Grande companheira, mãe de meus filhos.

GORDINHO — Ah é? Caguei. (Enfia a tomada num buraco da parede. A geladeira começa a chiar. Fica toda iluminada. Os dois param. Se recompõem)

OLHOS — Graças a Deus. Sempre confiei na coisa nacional. (Corre para o rádio. Pega o microfone:) Alô Mascate. Lince em cima. Passarinho voou e dançou. Câmbio.

(Entra um tiro de canhão. Fortíssimo. Olhos cai sentado. Ouve-se uma voz com sotaque americano juntamente com um hino militar)

VOZ — "Ok brother. Sétima esquadra pronta. Vamos atracar na praia de Ramos. Ok brother. Em caso de resistência, nós ocupar Ramos. Repetindo: em caso de resistência..."

(Olhos corre na parede e tira a tomada)

OLHOS — Tapa o ouvido dele Eça. Ligou mas não consertou. (Eça treme)

todo. Não se mexe) Eça me ajuda, se coloca!

EÇA — Qualquer um... De qualquer cor...

(Eça trema cada vez mais. Olhos toma uma resolução. Vai até uma gaveta de baixo, a última da geladeira, e tira uma montanha de lenços, de todas as cores, e vai atirando em cima de Eça)

OLHOS — Vai dependente! Vai, vai!

(Olhos vai jogando os lenços em Eça que absolutamente maravilhado, vai passando tudo na cara. Cobre a cabeça, se esfrega todo, se ajoelha catando o que pode)

EÇA — Beijo teus pés Silveira, beijo teus pés...

OLHOS — (Para o Gordo) Dá um jeito nêsta merda, digo, merda.

GORDINHO — Eu não! Eu já contei tudo. O Eça me chamou de índio, não tenho nada contra índio. Porra, não se pode nem gostar de jazz?

OLHOS — Senhor Athos, errar é humano.

GORDINHO — Mas persistir no erro é sacanagem. Senhor Silveira, eu confesso tudo: eu sou um merda, eu não devia ter nascido, nem pra escoteiro eu servi. Pronto! Onde é que eu assino?

EÇA — (Quase que coberto pelos lenços) Beijo teus pés Silveira... Beijo teus pés... Eu também confesso. A carne é fraca, Olaria é quente...

OLHOS — Cala a boca putô! Digo, putô. Meu Deus, estou perdendo o sinônimo...

GORDINHO — Pronto! Pode quebrar o disco: minha fantasia de baiana, o senhor querendo, pode espalhar que é coisa de bicha. Que eu tenho problemas. Que eu sou gordo assim porque tenho mais hormônios femininos que masculinos. O Charlie Parker é merda, não tocava porra nenhuma. Bicheiro paga aposta se quiser. Carne tem que comer com vinho tinto, guardanapo no pescoço. Pronto, eu confessei. Agora me deixe eu ir embora. O astral baixou demais, não dá pra dialogar.

OLHOS — Senhor Athos, o senhor me desculpe, me ajude a manter o mínimo de controle. Não temos nada contra o senhor, foi um mal entendido, mas me ajude. Eu não sou de ferro.

EÇA — (Rolando nos lenços) Ai... Olaria é quente... A carne é fraca... Tê são não tem ética... Ai...

OLHOS — Eu mato.

(Pula outra vez em cima de Eça. Misturam-se com os lenços. Rolam. Olhos, aos poucos, vai ficando quieto, meio mole. Vai largando Eça. Sua cara vai se transfigurando)

OLHOS — Eu não sou de ferro... (Pega uma porção de lenços e passa na nuca. Cobre a cabeça.) Beijo teus pés. Eça... Beijo teus pés... (Esbalda-se)

GORDINHO — Olha aí, gente, e a última vez que eu separo vocês.

(Vai para separar, escorrega, e cai no meio dos lenços. Fica imóvel. Começa a levantar. Transfigura-se)

GORDINHO — Meu Deus, Eça você é demais... Me apresenta... Me apresenta...

EÇA — Tô apresentado irmãozinho...





GORDINHO — (Também se rolando nos lenços) Quem diria, perdi o medo de avião.

EÇA — O frescor, irmãozinho... Sente o frescor.

OLHOS — O lilás Eça, eu quero o lilás.

EÇA — O lilás é demais. Vai chefe...

GORDINHO — Ai... ai de mim... Eu trai! Al Haig no piano... Max Roach... Budie Richie e o Bird... Eu trai! Quer saber? O Bird tocava pra caralho! Silveira eu desconfesso. Evil man... Evil!

OLHOS — Não tô nem aí Dartagnan...

GORDINHO — Athos... Athos Pereira, o defensor dos pobres... O lilás é demais.

(Os três somem e reaparecem entre os lenços. Ouve-se outros tiros de canhão. Retorna a voz americana)

VOZ — "Hello brother, hello. Operação brother está ancorada, digo, encahada no cocô. Praia de Ramos tem cocô. Se não der pra atracar, a gente ancora no obelisco. Sétima vai abrir fogo. Câmbio."

(Ouve-se tiros)

OLHOS — Maravilha! O coco nacional contra o tal do know-how! Eu sabia, sempre confiei! Me dá o lilás Eça.

EÇA — Agora só tem o violeta chefe.

OLHOS — Me dá, Qualquer um, qualquer cor.

EÇA — Vai com tudo Silveira.

OLHOS — O cocô ganhou! O cocô ganhou!

GORDINHO — (Levantando) Vou botar uma faixa que é uma loucura.

(Põe a faixa, entra Parker. Gordinho aproveita e veste o roupão)

EÇA — Eles vão encahar em Ramos. Rá... rá... rá...

OLHOS — Sou mais a coisa nacional.

GORDINHO — Evil man... Evil.

(Gordinho dança sozinho. Entra outro tiro de canhão. Fortíssimo: Olhos vai parando)

OLHOS — Meu Deus... Ramos... Ivete... (Levanta)

EÇA — Gente boa... Essência e estrelas...

OLHOS — Ramos... Ramos...

EÇA — Balneário de pobre, mas decente.

OLHOS — (Lívido) Ramos é perto de Olaria. A Sétima... Ivete... (Para) Ivete! (Dá um grito) IVETEEEEEEEE!!!

(Corre até o rádio e pega o microfone)

OLHOS — Alô Mascate, Pateta, pelo amor de Deus, vira esse navio pra lá. Vai pra Paquetá! Vai pra Paquetá! Minha mulher não! Sai de Ramos e vai pra Paquetá! Paquetá é uma boa. (Ouve. Volta a falar) Alô Pateta, Mascate, Ramos não... (Para o Gordinho) Senhor Athos, o senhor me conserta isso, por tudo que lhe é mais caro, mais sagrado. Eu lhe dou a minha palavra: no que consertou o senhor pode ir pra sua casa, foi um mal-entendido, não me guarde ressentimento. O perdão tem que ser recíproco. Por favor... Minha palavra.

(Gordinho para, pensa, e resolve tentar consertar. Começa a desmontar o complexo. Amarra fio com fio, tira válvula, vai puxando uma mola que não acaba nunca. Uma zona.)

OLHOS — (Ansioso) Ivete... Ramos é assim, colado com Olaria. Conserta isso, manda a Sétima pra Paquetá. A Ivete acaba com a Sétima. (Chora) O Romão... O Eça... e agora grumete, canhão, porta-avião!

GORDINHO — Segura Silveira. Homem não chora, lava com sangue. Segura.

(O Rádio volta a chiar)

GORDINHO — Deixa comigo. (Fala pelo microfone) Alô... Um, dois, três. Alô. (Pausa) Alô?

VOZ — "Ok brother."

GORDINHO — Alô Mascate, vai dar um pouco. Alô Pateta, sua mãe vai bem? Seguinte: quem tá falando aqui é o Parker. Tô falando diretamente da Casa Branca. Vira esse navio pra Paquetá. Ocupa Paquetá. Fica todo mundo morrando lá. Depois segue mantimentos, Casa Branca. Câmbio.

VOZ — "Ok, brother. Mas o navio encalhou no cocô. Repito: encalhou no cocô. Câmbio."

(Olhos abaixa-se e abraça comovido Gordinho)

GORDINHO — Ok brother. Entendido. Então vai ficando por aí. Joga âncora e vai ficando. So long. (Desliga)

OLHOS — (Emocionado) Obrigado. Beijo teus pés. (Vai pra beijar)

GORDINHO — (Não deixa) Tudo bem. Eles vão ficar no cocô uns cem anos. Vai ter que fazer tratado e tudo. Agora me dá minha roupa. O senhor prometeu.

OLHOS — Senhor não. Você. Mas toma um suco antes.

GORDINHO — Não, tô satisfeito. Olha, eu vou de roupão mesmo. Depois eu devolvo.

OLHOS — (Ainda emocionado) Não faz desfeita. Toma o suco.

GORDINHO — Dá pro Eça. Escancarou demais.

OLHOS — Faço questão.

GORDINHO — (Pega o copo) Agradecido.

(Gordinho bebe a metade, vai até Eça e despeja o resto em sua garganta. Ele dá uma acordada.)

EÇA — Meu Deus, eu estou em falta com a TransBrasil... Eu quero viajar... Era só mais um ano de inglês... Quem gastou o lenço? Quem gastou? (Vai levantando. Está deprimidíssimo)

GORDINHO — Bom, então até qualquer dia.

(Vai para sair.)

OLHOS — Senhor Athos, um minutinho. Apenas uma formalidade.

GORDINHO — O que é que é agora?

OLHOS — Eu sei... Palavra é palavra... O senhor já vai já. É só um minutinho. Nós vamos deixar o senhor em casa e tudo. É só um favorzinho. Quer ver? (Mexe nos botões. A porta abre e fecha) Viu? Está consertada.

GORDINHO — Eu vou sózinho.

OLHOS — (Faz os sinais incompreensíveis com a cabeça pro Eça. Eça também faz com a cabeça. Olhos se recompõe. Veste o paletó) Só um minutinho. Vai já.

(Eça vai dando um jeito na sala. Joga os lenços na gaveta)

GORDINHO — Silveira...





OLHOS — (Ajeitando a gravata) Senhor Silveira, não me leve a mal.

GORDINHO — Ah é?

(Eça ajeita a prateleira-cama, prepara os fios)

OLHOS — Senhor Athos, graças ao senhor, não há como negar, o complexo consertou. O senhor já vai. (Pausa. Pigarreia) Mas é que, já que estamos aqui, eu e o doutor Eça, temos que cumprir com umas formalidades. Burocracia, o senhor entende.

EÇA — (Acabando de ajeitar) Pronto chefe.

OLHOS — Obrigado doutor. (Continuando) Então, rapidinho, nós precisamos gravar o seu depoimento... Sabe como é, depois eles caem em cima de mim.

GORDINHO — Mas Silveira...

OLHOS — Senhor Silveira, por favor.

EÇA — Aliás, Olhos. Olhos de Lince. O velho Olhos de Lince.

(Faz sinais com a cabeça)

OLHOS — (Pegando delicadamente o Gordinho pelo braço) Vem cá meu filho. Dá uma deitadinha aqui. Dá...

(Vai levando Gordinho para a prateleira-cama)

GORDINHO — Assim não vale. (Vai indo em direção à porta)

OLHOS — Depois eu abro. Vem... Dá uma deitadinha... Dá...

EÇA — (Vai até Gordinho e traz ele até a prateleira-cama) Tira o roupão, tira...

OLHOS — É só um minutinho. Vai.

(Eça tira o roupão de Gordinho. Os dois deitam o Gordinho na prateleira-cama. Eça vai colocando os fios pelo corpo de Gordinho)

OLHOS — Palavra é palavra. Só um minutinho.

EÇA — (Acaba de colocar os fios. Pega o microfone, mexe no controle, uma luz acende e fica piscando) Ok Olhos. Pode gravar.

OLHOS — (Para o Gordinho) Fala.

GORDINHO — (Com o microfone na mão) Eu sou uma besta.

(Entra a voz de Gordinho, em eco, gravada, repetindo a mesma frase)

OLHOS — Certo. Agora fala tudinho o que você falou: índio, jesuita, frase pixada... Vai, tudinho.

GORDINHO — Mas senhor Olhos, o senhor prometeu.

OLHOS — Vai. Diz tudinho. Tudinho.

GORDINHO — (Choramando. Sua voz retransmitida em eco. Fala ao microfone) Charlie Christopher Parker Junior. Nasceu em 29 de agosto de 1920, em Kansas City. (Vai chorando. Ao mesmo tempo, baixinho, começa a entrar um tema tristíssimo de Parker) Aos 11 anos ganhou de sua mãe um saxofone-alto... e, logo depois, aprendeu bombardino na orquestra de sua escola. Seu progresso foi tão grande no saxofone, que aos 15 anos tocava jazz em companhia de músicos de grande experiência... E no ano seguinte ingressou na orquestra de Lawrence Keyes.

(Chora mais. Eça vai operando o gravador. A tela vai passando os gráficos do electro. Olhos escuta)

OLHOS — Vai meu filho! Tudinho.

GORDINHO — Foi lavador de pratos... Depois tocou no Minton's Play-

house ao lado de vários músicos que desenvolviam novas idéias musicais... Essas idéias resultariam no novo estilo revolucionário conhecido como Be Bop... (Chora) Em 1940...

EÇA — Revolucionário hein?

OLHOS — Tudinho, Vai.

(Gordinho chora. Não consegue falar. A luz vai caindo lentamente em resistência. O blue tristíssimo)

OLHOS — Vai.

GORDINHO — (Chorando) Formou um quinteto com Miles Davis, Duke Jordan, Tommy Potter e Max Roach... (Para) Em 54, tentou o suicídio. (Chora mais)

OLHOS — Continua.

GORDINHO — (De repente começa a falar alto, aos gritos) NO DIA 12 DE MARÇO, FALECIA VÍTIMA DE PNEUMONIA E CONGESTÃO SEGUNDO A AUTÓPSIA REALIZADA...

EÇA — Mais baixo.

GORDINHO — CAGUEI! O SEU ESTILO FOI RE-VO-LU-CIO-NÁ-RIO EM TODOS OS ASPECTOS. A SUA TÉCNICA INSTRUMENTAL INCOMPARÁVEL. SUAS IDÉIAS INESGOTÁVEIS DO IDIOMA DO JAZZ EM TERMOS DE HARMONIA, RITMO, SONORIDADE E INVENÇÃO MELÓDICA, DE UMA QUALIDADE EXCEPCIONAL, INFLUENCIOU DE UMA MANEIRA (Grita mais) RE-VO-LU-CIO-NÁ-RIA TODOS OS MÚSICOS DE SUA ÉPOCA.

(A tela começa a tremer.)

EÇA — Para de gritar desgraçado.

OLHOS — Tapa a boca. Tapa a boca dele.

GORDINHO — (Com a mão de Eça em sua boca, grita e bafado) FOI O MAIOR IMPROVISADOR QUE O JAZZ CONHECEU!

(A geladeira começa a chiar. Os dois tentam tapar a boca de Gordinho)

EÇA — Ele vai escangalhar outra vez.

OLHOS — Tapa a boca, tapa!

GORDINHO — (Rindo histérico) Pronto. Tudinho. Falei tudinho. Rá... rá... rá...

(De repente a tela começa a passar números de dez a zero. Entra um filme. Abre na chaminé de um navio e vai descendo em PAN vertical lenta, e pega uma mulher olhando para o navio. Dá adeus. Está vestida tipo "mulher de vida fácil". Sente a presença da CAM. Sorri.)

OLHOS e EÇA — Meu Deus. Ivete.

(Gordinho vai parando de rir. Vira a cabeça para cima. Olha a tela)

IVETE — (Falando para a CAM) "Alô gente... Tudo bem? Eu vou como Deus quer... Se hoje eu estou bem, bem colocada na vida... Devo ao meu marido, que... (Chora) Há três anos sumiu com um colega de trabalho. E se não é a Sétima Esquadra a me apoiar, me adotar como sua favorita... eu... eu... (Chora. Se recupera) Eu adoro esses rapazes... Eu comi o pão que o diabo amassou. Hoje eu sou uma estrela, nada me falta... Minha vida é o meu público... Meu marido... Se Deus quiser, não faltava nada... Mas eu dei um





mau passo"! Mas eu sofri. Aprendi. (Chora. Enxuga os olhos) Eu acho sinceramente que o pessoal não está preparado para voltar. (Tira um cigarro com piteira, olha fixamente para a CAM) Silveira, esteja onde você estiver. Volte para casa, pros seus filhos... O que passou, passou... Tchau gente."

(Ivete fica acenando. CAM vai abrindo em ZOOM lenta. Fica Ivete no meio do cais)

EÇA e OLHOS — Ivete... Ivete...

(Tentam pegar a imagem com as mãos. Entra um solo de Parker, a seis por oito, juntamente com um solo de bateria. Gordinho, deitado, cheio de fios, ri)

GORDINHO — Evil man... Isto aqui está uma Evil homem. Uma evil!

EÇA e OLHOS — Ivete... ivete...

(Luz cai toda em resistência. Fica só a tela iluminada com a frase: Evil man... evil.)

FIM